

O ARTIFÍCIO DA IRONIA

Karin C. N. Brauer¹, Eunice Terezinha Piazza Gaí²

¹Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)/ Departamento de Letras, karincnb@yahoo.com.br

²Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)/ Departamento de Letras, piazza@unisc.br

Resumo- Uma obra literária traz muito a refletir, chama a atenção para situações as mais diversas, convida o leitor a uma viagem do presente ao passado e vice-versa. A leitura possibilita a tomada de diferentes posições do leitor perante o que lê, permite analisar diversos aspectos, e no caso deste trabalho são observadas duas obras: o Elogio da Loucura, de Erasmo de Rotterdam, e o Elogio da Vaidade de Machado de Assis. Enfatiza-se aqui um estudo que direciona ao seguinte questionamento: O que há de incomum entre o Elogio da Vaidade e o Elogio da Loucura? Porém, antes de responder diretamente a esta questão se fará também um breve relato sobre ambos autores e suas obras.

Palavras-chave: ironia, loucura, vaidade

Área do Conhecimento: Linguística Letras E Artes

Introdução

Em um tom conservador e tentador, Erasmo de Rotterdam, assim afamado, pois seu verdadeiro nome era Erasmo Desidério, era filósofo humanista, teólogo e cristão e viveu nos séculos XV e XVI, deu origem e voz a uma personagem muito célebre, mas pouco discutida: a loucura.

A Loucura, sempre percebida como uma doença ou algo ruim de cunho negativo e desvalorizada, em Elogio da Loucura é personificada de uma forma maravilhosa. Como ninguém a gratifica pelo que faz de bom, com a isenção de elogios a si própria, ela decide, finalmente elogiar-se e expor o quanto está presente na vida da sociedade, tratando minuciosamente das atitudes humanas, comprovando assim, que de fato ela está muito atuante na vida humana. Por exemplo: “Não é mérito da loucura haver no mundo laços de amizade que nos liguem a seres perfeitamente imperfeitos e defeituosos?” Demonstrando-se tão presente, sedutora e indispensável, conquistando desta maneira a quem lê a obra.

Rotterdam dá voz a sua personagem, a qual explana e exemplifica as diversas razões pelas quais ela aparece no meio humano, afirmando que todos temos, sim, uma certa loucura: filósofos, sábios, gramáticos, mulheres à beira do casamento, idosos, crianças, a sociedade em geral, ou seja, ela atinge a religião, a ciência, o casamento e a filosofia.

A loucura atreve-se a dizer que dirige, ou melhor, comanda a convivência humana, os governos, o desenvolvimento de cidades, do juízo em si. Demonstra que muito do que ocorre no meio social deriva da loucura: os idosos (aceitar suas limitações) e as crianças (seduzir aos demais), os sábios e os filósofos na busca incansável por respostas, soluções, verdades, a

criação das mais diversas leis, a preocupação da mulher em seduzir aos demais de maneiras estranhas, muitas vezes inconsciente, como fartamente iria comprovar Freud e a psicanálise pós-freudiana, séculos mais tarde.

Para averiguar o caráter enigmático do comportamento feminino basta refletir sobre o objetivo de enfeites, das maquiagens, dos banhos, dos penteados, dos perfumes, dos odores, enfim, de todos esses preparados cosméticos que servem para embelezar, pintar ou disfarçar o rosto, os olhos e a pele. Pois bem, não é pela loucura, não é pela loucura que elas podem atingir esse objetivo tão desejado? Há que ressaltar o significado elástico que Erasmo confere a este termo, à loucura. Há muitas forças, pulsões e instintos básicos, por exemplo, que não são racionais e, por não sê-lo, se assemelham à loucura. Uma determinada mulher acometida de um acesso de histeria só porque diante dela passou correndo uma barata não é um caso irônico, irônico no sentido do contraste entre racionalidade, ponderação e juízo equilibrado, e espontâneas reações instintivas de difícil explicação, atitudes que talvez remontem a milênios de civilização ou mesmo estejam inscritas no código genético dos seres humanos?

A Loucura responsabiliza-se por influenciar tudo o que então existe. Ela acredita que está presente em todas as ocasiões e situações. A própria religião recebe a visita da loucura quando explora seu povo, fazendo-o acreditar que pagando indulgências estariam livres de qualquer castigo ou reservariam uma cadeira cativa imortal no paraíso. Através do Elogio da Loucura, Erasmo critica os racionalistas e escolásticos ortodoxos que colocavam o homem ao serviço da razão. Um dos maiores escritores de ficção de todos os tempos, Fiodor Dostoievski, explora, em algumas

de suas obras, uma tese toda pessoal sua, a de que a razão não deve preponderar sobre nossas atitudes, e sim os sentimentos ou impulsos subjacentes e ocultos à consciência. Há mesmo uma certa tendência irracionalista em Dostoievski, embora ele seja o mais reflexivo e ponderado dos autores.

Joaquim Maria Machado de Assis, escritor que representava em suas obras praticamente todos os gêneros, escreveu *Elogio a Vaidade*, onde a personagem em questão é a própria Vaidade que assume o papel de questionador social, enaltecendo-se em todas as situações, demonstrando ter uma participação essencial nas diferentes áreas da sociedade. De tudo participa, como por exemplo, “desde o salão dos ricos ao albergue do pobre, do palácio ao cortiço, da seda fina e roçagante ao algodão”. Mesmo em tempos muito recuados, a vaidade foi objeto das reflexões de homens do calibre de um Salomão, que afirmava, à exaustão: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade”.

Erasmus de Rotterdam, em *Elogio da Loucura*, é fonte de inspiração para Machado (GAI, 2005). Machado fundamenta-se em Rotterdam e trabalha em sua obra também o aspecto da ironia. Uma passagem onde isto aparece é no conto *O Elogio da Vaidade*. Os trabalhos citados, tanto de Rotterdam como de Machado, apresentam características que ultrapassam o limite do tempo em que tais textos foram redigidos, pois ainda hoje se enquadram na realidade vivenciada pelos seres humanos do século XXI. Suas obras mantêm-se atuais devido à maneira ampla e incansável com que o autor registrou a experiência humana e pela perspectiva que lhe imprimiu enquanto criador de mundos ficcionais. (GAI, 2005) Machado de Assis usa em seus estudos temas como, por exemplo: a ironia, o humor, o pessimismo, o ceticismo, representando o conhecimento humano. A ironia machadiana é mesmo uma marca registrada do autor, imortalizada em tantas passagens, como na afirmação zombeteira: “Ao vencedor, as batatas!”

O fator ironia é um assunto que os autores trabalham em suas obras tanto Machado em *Elogio a Vaidade* quanto Rotterdam em *Elogio da Loucura*. A noção de ironia é ligada ao conhecimento humano. A ironia é a afirmação de algo distinto do que se almeja comunicar, normalmente oposto ao que o emissor afirma literalmente, a contrariedade através do contexto do discurso, ou por meio de gestos ou de modo entonativo. A ironia é um tropo, uma figura de linguagem, e já era referida nos manuais de retórica elaborados durante o antigo Império Romano. Considerando que os romanos sorveram grande parte de sua cultura em fontes gregas e helenísticas, pode-se pressupor com segurança que tal faculdade do espírito humano há muito é cultivada.

Existe, no que se refere à ironia, também o uso irônico de termos a que se reserva alguma crítica quanto à conotação. O objetivo da ironia normalmente é crítico. Segundo André Comptes-Sponville, a ironia é uma arma, vista não como uma virtude.

A ironia, numa visão inicial, pode ser considerada uma figura de linguagem, e na análise das obras em questão, pode ser tida como uma visão de mundo. Ela pode ser seguida pelo pessimismo, e também se apresenta por diversas vezes acompanhada “do riso, não o riso aberto e franco, mas o leve sorriso ou mesmo, nem isso, apenas um mexer de lábios, atitude reiteradamente assinalada por todos quantos se manifestam sobre o tema, tomando-a como alvo para crítica ou como elemento inquietador” (GAI, 2005).

O conceito de ironia apareceu no mundo com Sócrates. Ele fundamentava-se na ironia. Sócrates minava a existência, tanto mais profundamente e mais necessariamente cada expressão particular precisava gravitar na direção da totalidade irônica... (Kierkegaard, 2006, p.30).

No *Elogio da Loucura* Rotterdam dá voz a seu personagem, a loucura, da mesma forma que Machado de Assis o faz em *Elogio da Vaidade*, onde uma das personagens é a própria vaidade. Trata-se de uma personificação de caracteres psicológicos ou espirituais, com o objetivo de torná-los mais evidentes. Ambos os escritores, em períodos diferentes da história, fazem uso de suas personagens: Loucura e Vaidade, as quais usam do artifício da ironia para denunciarem os problemas sociais.

Ocorre ironia quando, pela entonação, ou pela oposição de termos, insinua-se o contrário do que as palavras ou orações parecem manifestar. A ironia pode apresentar uma intenção sarcástica ou depreciativa, no caso das obras em questão, ela serve como um instrumento que permite despertar denúncias e críticas sociais, convidando todos os leitores a uma reflexão, auto-questionamento e análise de fatos sociais, ou ao menos de si próprios.

Os escritores em questão “viveram a vida” dos pensamentos e não apenas das sensações. Por exemplo, Erasmus usa da ironia para criticar atitudes longe da razão, quase incompatíveis com ela, como: lutas, combates, guerras. Ele tinha uma postura de mediador e aceitava desde pagãos aos sábios e filósofos. Observamos Erasmus dando voz à Loucura no exemplo a seguir: “Mas irei vos provar também que não há belas ações das quais eu não seja o motivo, não há ciência nem arte um pouco recomendável que não me deva sua existência. A guerra, por exemplo, não é a origem de todas as ações que os homens admiram? Não é ela que prepara os campos gloriosos onde os

heróis vão colher seus louros? Ora, há algo mais insano do que se envolver em querelas que surgem com frequência não se sabe por quê, e que sempre são mais prejudiciais do que úteis aos dois partidos em disputa?”

Fazendo uma análise em comum das duas obras é possível perceber que por intermédio da ironia a Loucura e a Vaidade, buscam tirar a cegueira dos indivíduos, que muitas vezes se comportam como autômatos ou títeres inteiramente regidos por leis naturais, não muito diferentemente dos animais, ditos não-rationais. As personagens do Elogio da Vaidade, da mesma forma que do Elogio da Loucura, aparecem explicitando que de tudo participam quando mencionado o ser humano e o social. O elogio da Vaidade denuncia a superficialidade humana. A Vaidade age de forma semelhante à Loucura. A Loucura e a Vaidade mostram consistência nas suas idéias e estruturas de pensamento, fazem uso da história, da realidade. Talvez porque isto a que chamam razão é algo moldável, flexível em extremo, e trabalha a serviço dos sentimentos mais primários, que lhe subjazem. Mostram com ironia a falsidade das pessoas, e de uma maneira brilhante convencem que ambas são o caminho. Então a Vaidade e a Loucura manifestam-se por meio da ironia, provocam críticas vorazes a todas as atitudes. Elas são narradoras e personagens.

O discurso das obras aparece em primeira pessoa, em grande parte dos textos citados. Tanto a Loucura no Elogio da Loucura como a Vaidade no Elogio da Vaidade refletem uma moral ao contrário. Através das personagens abordam-se fatos problemáticos da sociedade de cada época que, ainda hoje permanecem refletidos no meio social. Ironias são levantadas a todo momento nos textos, desta forma convidando o leitor a refletir, analisar e despertar para os mais variados pontos de vista.

Outro aspecto presente nas obras Elogio da Vaidade e Elogio da Loucura é a presença da alegoria. As personagens das obras citadas dão testemunho disto. Lembrando que a alegoria apresenta uma história que trabalha com sentidos duplos e figurados, transmite um significado, enquanto outro se sobrepõe, em adição, ao literal. É normalmente tratada como uma figura de retórica (Wikipédia, 2007). Alegoria se parece à metáfora em diversos aspectos. Resolve-se considerá-la separadamente, em função da sua importância e particularidades. Passagens alegóricas de rara beleza e profundidade espiritual encontram-se já nas falas de Jesus Cristo, referidas pelos seus apóstolos.

Conclusão

No relato final pode-se perceber que Elogio da Vaidade e Elogio da Loucura apresentam muitas características em comum como a ironia, alegoria, o discurso, as personagens. E outro fator em

comum é que fazem uso da ironia para despertar o ponto de vista crítico social perante o comportamento humano e tudo que está ligado a ele, onde ele está inserido. “Está escrito no primeiro capítulo do Eclesiastes: O número dos loucos é infinito. Ora, esse número infinito compreende todos os homens, com exceção de uns poucos, e duvido que alguma vez tenha visto estes poucos”.

Referências

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates**. 3ª ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006. 283p.

GAI, E. T. P. . Ironia, humor e conhecimento: a atualidade de Machado de Assis. In: Bordini, Maria da Glória; Remédios, Maria Luíza Ritzel; Zilberman, Regina. (Org.). *Crítica do tempo presente*. Porto Alegre: Associação Internacional de Lusitanistas e Instituto Estadual do Livro, 2005, p. 72-80.

ROTHERDAM, E. **Elogio da Loucura**. Floresta: L&PM Editores. 2006. 144p.

ASSIS, J. M. M.. **Elogio a Vaidade**. In: **Obra completa, vol. II**. RJ: Nova Aguilar, 1994, p. 659.

Wikipédia. Alegoria. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alegoria>>. Acesso em 04 maio 2007.